

## Prefácio

### 1

Através de professores particulares e autodidacticamente, a berlinense Carolina Michaëlis\* adquiriu, numa época em que as mulheres ainda não eram admitidas nas universidades, extensos conhecimentos em Filologia, Etnografia, Literatura e Línguas Clássicas. Logo em 1868 publica anotações filológicas sobre lendas espanholas antigas e em 1871 faz-se notar nos círculos intelectuais, com uma edição sobre lírica italiana arcaica e outra de *Cid*, as quais levam Gaston Paris, entre outros, a tecer elogiosos comentários. Carolina Michaëlis exerce funções de tradutora, participa em debates filosóficos, histórico-culturais e crítico-literários e tem acesso a diversos círculos científicos do seu tempo. Em 1872 ela conhece Joaquim de Vasconcelos, historiador e crítico português, com quem se casa em 1876. Juntos vão para Portugal, onde Carolina Michaëlis continua a dedicar-se à ainda jovem ciência da Filologia, a trabalhar em edições de texto e, em virtude das suas publicações e trabalhos científicos, torna-se professora por agora em Lisboa. A cátedra de Filologia Românica e Germânica é de seguida transferida para Coimbra — uma das universidades mais antigas da Europa. Carolina Michaëlis é também a primeira mulher a ser recebida na Academia de Ciências e, entre 1910 e 1923, obtém diversos doutoramentos *Honoris Causa*, entre outros, os de Friburgo e Hamburgo, bem como condecorações do Estado português.

Carolina Michaëlis é justamente considerada como uma das fundadoras das ciências filológicas em Portugal. Para tal, contribuem não só os seus vastos estudos singulares no âmbito da semântica, etimologia e fonologia histórica da língua portuguesa, mas também as suas volumosas edições de textos. De igual modo significativo, é

---

\* A posição de Carolina Michaëlis entre ambos os países e as línguas, manifesta-se também através da forma do seu nome: o seu prenome Karolina é, geralmente, usado como Carolina na sua forma românica, ao apelido Michaelis / Michaëlis é associado por vezes o sobrenome do seu marido, Vasconcelos / Vasconcellos. A classificação bibliográfica varia igualmente consoante a forma alemã (através de Michaëlis) ou a forma portuguesa (ordenada pelo último sobrenome, portanto, Vasconcelos). Nos artigos constantes será mantida a forma respectivamente escolhida pelos seus autores.

também a sua contribuição para o desenvolvimento da metodologia e o estabelecimento de uma tradição científica, que produziu efeitos muito além de Portugal.

## 2

No dia 18 de Outubro de 2002 teve lugar no Instituto Ibero-Americano em Berlim, em colaboração com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o *Colóquio Dona Carolina Michaëlis e os estudos filológicos em Portugal no começo do século XX*, que foi também apoiado pela Embaixada Portuguesa na Alemanha e pelo Instituto Camões. O volume agora apresentado reúne os artigos deste evento, bem como um texto suplementar sobre Carl Goldbeck. A conferência *Inícios: a Literatura Portuguesa no âmbito dos estudos de línguas e literaturas românicas na Universidade de Göttingen no século XVIIIe no início do século XIX* de Hermann Krapoth lida no âmbito desse colóquio sai no livro *Portugal-Alemanha — Memórias e imaginários* coordenado por Maria Manuela Gouveia Delille (Coimbra 2004).

O Instituto Ibero-Americano dedica-se desde há muitos anos ao lançamento de pontes culturais e científicas entre o espaço cultural alemão e o ibero-americano. Carolina Michaëlis, a alemã com nacionalidade portuguesa, tradutora e romanista, à vontade em ambas as línguas e culturas, apresenta-se como um protótipo para este intercâmbio. Como local de investigação, o Instituto Ibero-Americano alberga amplos acervos especiais, para além da sua biblioteca. A estes pertencem os legados de investigadores e eruditos, entre os quais os de romanistas como Gisela Beutler e Maria Schwauß, que oferecem uma ideia sobre a produção de saber no domínio da língua, cultura e literatura. O colóquio e a presente publicação dedica-se a estes aspectos — História da Ciência, cultura, biografia da investigadora — e contempla Carolina Michaëlis no seu tempo.

Gabriele Beck-Busse traça em *Carl Goldbeck — «amigo e mentor»* um retrato do professor das irmãs Michaëlis, no qual mostra qual o impulso que Henriette e Carolina receberam dele para as suas futuras carreiras de filólogas. Este contributo oferece, simultaneamente, um panorama sobre a forma da educação da mulher e dos círculos eruditos na Berlim do século XIX.

«*Attendendo aos excepcionaes merecimentos...*» — o caminho das mulheres em Portugal à universidade de Ricarda Musser põe em evi-

dência, através de esclarecimentos e números, a situação da educação da mulher em Portugal. Por meio de citações demonstra até que ponto a sociedade tolerava ou promovia o acesso das mulheres nas escolas e universidades e quais as matérias que lhes deveriam ser ministradas. Tal como na Alemanha, há mais de 100 anos antes, as primeiras estudantes em Portugal no final do século XIX dedicaram-se à Medicina.

O texto de Clarinda de Azevedo Maias sobre *Carolina Michaëlis de Vasconcelos e o ensino da Filologia Portuguesa na Universidade de Coimbra* descreve, baseado em extensos documentos do arquivo universitário, uma imagem detalhada e precisa da época de Carolina Michaëlis na Universidade de Coimbra e comprova, através de numerosas menções, o prestígio do qual a filóloga alemã disfrutava em Portugal.

Os Estudos sobre a formação de palavras nas línguas românicas (*Studien zur Romanischen Wortschöpfung*) (1876) de Carolina Michaëlis no ambiente das escolas linguísticas do século XIX (Humboldt, Grimm, Diez, Bréal, Schleicher) de Werner Thielemann classifica os trabalhos científicos no panorama da Filologia do século XIX, cujos polos são o Romantismo e a Escola Social. Aqui, linguistas alemães e franceses dominam competentemente a discussão, que era seguida por Carolina Michaëlis através de textos.

Dieter Kremer apresenta em *D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos como lexicógrafa* estudos lexicais sobre etimologia e semântica, bem como o uso soberano que a cientista faz dos dicionários históricos e contemporâneos. Com isto, torna-se clara a sua ampla orientação de temas, desde histórico-literários, passando por linguísticos e genealógicos e até científico-culturais.

Em relação aos aspectos científico-literários e filológico-textuais trabalhados por Carolina Michaëlis, José Seabra dá o seu contributo com *Dona Carolina e a Saudade*. Ele consagra-se ao estudo pouco conhecido *A Saudade Portuguesa* de 1914 e, com ele, a um conceito central da história da mentalidade portuguesa.

Nos artigos constantes são salientados numerosos aspectos biográficos e científicos. Contudo, ficam por colocar aquelas peças únicas de um puzzle, para se ampliar o conhecimento sobre a vida e obra desta ilustre filóloga e classificar a sua biografia no contexto da sua época e das correntes científicas. Se isto já se aplica a Carolina Michaëlis, então ainda é mais frequente em relação à sua irmã Henriette e à amiga romanista Louise Ey. Embora o nome da

lexicógrafa Henriette Michaëlis tenha obtido fama, através da denominação “Michaëlis”, para toda uma série de dicionários brasileiros (até mesmo electrónicos), a data da sua morte permanece, até agora, ainda desconhecida. A biografia das três mulheres, que mantinham contacto por correspondência e, deste modo, se apoiavam na sua produção científica, no seu trabalho e no seu papel na filologia portuguesa, assim como na divulgação da língua e literatura portuguesas na Alemanha, convida a iniciar um projecto de pesquisa mais alargado. A base para tal é oferecida pelos dados que Gabriele Beck-Busse e as suas colaboradoras reuniram na Freie Universität de Berlim no projecto “Mulheres na Romanística” – Frauen in der Romanistik – (<http://www.lingrom.fu-berlin.de/frauen-in-der-romanistik/>), onde, junto das biografias, se encontra, entre outros, também bibliografia extensa sobre as cientistas.

A editora agradece a todos os colegas que contribuíam na preparação deste colóquio, em especial a Joana Casimiro e Horst Nitschak, bem como a Amely Dütthorn pela colaboração nesta publicação.

Ulrike Mühlischlegel